

I

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranqüilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.¹ Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos.

“O que terá acontecido comigo?”, ele pensou. Não era um sonho. Seu quarto, um quarto humano²

¹ N’*O processo*, Kafka diria: “O instante do despertar é o instante mais perigoso do dia”. Ademais, em várias de suas cartas a Felice o autor refere o fato de se sentir completamente estranho ao acordar pela manhã. Em seus *Diários*, Kafka faz várias referências no sentido de que “O animal está mais próximo de nós do que o homem”, por exemplo. (N. do T.)

² O narrador utiliza a forma “quarto humano” do mesmo jeito que se utiliza a forma corrente “quarto de criança” e certamente em oposição ao presente aspecto animal de Gregor. Com a expressão taxativa: “Não era um sonho” – que é tanto mais taxativa na medida em que a frase normal de Kafka é extensíssima, cheia de subordinações, vírgulas e partículas conectivas – o narrador pretende arrancar, desde logo, o aspecto onírico da situação. (N. do T.)

direito, apenas um pouco pequeno demais, encontrava-se silencioso entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotada, uma coleção de amostras de tecido – Samsa era caixeiro-viajante –, estava a imagem que ele havia recortado havia pouco de uma revista ilustrada e posto numa moldura bonita e dourada. Ela mostrava uma dama que, escondida num chapéu de pele e numa estola de pele, sentava ereta e levantava aos espectadores um regalo³ também de pele, dentro do qual sumia todo seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela, e o tempo nublado – ouviam-se os pingos da chuva baterem sobre a calha da janela – deixou-o bastante melancólico. “Que tal se eu seguisse dormindo mais um pouco e esquecesse de toda essa bobajada”,⁴ pensou; mas isso era totalmente irrealizável, uma vez que estava habituado a dormir sobre o lado direito e em seu estado atual não conseguia se colocar nessa posição. Por mais força que fizesse na tentativa de se jogar para o lado direito, balançava voltando sempre a ficar na posição de costas. Deve ter tentado fazê-lo cerca de cem vezes;

³ Regalo, aqui, no sentido de luva que possui apenas duas divisões, uma para o polegar, outra para o resto dos dedos. Em geral é feita de pele e muito usada nos países frios. (N. do T.)

⁴ Tentativa “racionalizante” de fuga à realidade – que logo é refutada por um dado concreto – típica das histórias do gênero e já manifestada, entre outros, pelo personagem Goliádkin, de *O duplo*, de Dostoiévski, narrativa com a qual *A metamorfose* guarda grandes semelhanças, sobretudo no início. Outras narrativas que poderiam ter influenciado Kafka, e que comprovadamente ele leu antes de escrever *A metamorfose*, são *O capote* e *O nariz*, de Gogol. (N. do T.)

fechou os olhos a fim de não precisar ver mais suas pernas se debatendo, e apenas desistiu quando passou a sentir no lado uma dor leve e sombria, que jamais havia sentido.

“Oh, Deus”, pensou ele, “que profissão extenuante⁵ que fui escolher! Entra dia, sai dia, e eu sempre de viagem. As agitações do negócio são muito maiores do que propriamente o trabalho em casa, e ainda por cima impuseram sobre mim essa praga de ter de viajar, os cuidados com as conexões de trem, a comida ruim e desregulada, contatos humanos sempre cambiantes, que nunca serão duradouros e jamais afetuosos. Que o diabo leve tudo isso!” Sentiu um leve comichão acima, sobre o ventre, deslocou-se devagar sobre as costas, aproximando-se da guarda da cama, a fim de poder levantar melhor a cabeça; encontrou o lugar que comichava; ele mostrava-se tomado por uma série de pontinhos brancos e pequenos, que ele não logrou avaliar donde vinham; quis tocar o local com uma das pernas, mas logo puxou-a de volta, pois o contato lhe dava calafrios.

Deslizou até voltar à sua posição anterior. “Esse acordar cedo”, pensou ele, “faz a gente ficar meio abobado. O homem tem de ter seu sono. Outros viajantes vivem como mulheres de harém. Quando eu, por exemplo, volto ao hotel pouco an-

⁵ Outra afinidade entre Kafka e Samsa, nomes que aliás correm paralelos e poderiam ser referidos como criptogramas. Kafka negou o fato dizendo que Samsa não era, de todo, Kafka: “*A metamorfose não é uma confissão, ainda que – em certo sentido – seja uma indiscrição*”, ele disse. (*Conversações de Gustav Janouch com Kafka*, 1920-23). Mais tarde Kafka comentaria que havia falado “dos perreijos de sua família” na obra. (N. do T.)

tes do meio-dia, a fim de transcrever as encomendas feitas, esses senhores recém estão tomando seu café. Queria ver se eu tentasse proceder assim com meu chefe; iria para a rua na mesma hora. Aliás, quem sabe se isso não seria bom para mim. Se eu não me contivesse por causa de meus pais, já teria pedido as contas há tempo; teria me apresentado ao chefe e lhe exposto direitinho o que penso, do fundo do meu coração. Ele teria de cair da escrivaninha! É um jeito bem peculiar o dele, de sentar-se sobre a escrivaninha e falar do alto a baixo com seu empregado, que além do mais tem de se aproximar bastante por causa das dificuldades auditivas do chefe. Bem, a esperança ainda não está de todo perdida; quando eu tiver juntado o dinheiro a fim de quitar a dívida de meus pais com ele – acho que isso demorará ainda uns cinco ou seis anos –, eu encaminho a coisa sem falta. Aí então terá sido feito o grande corte.⁶ Por enquanto, em todo caso, tenho de levantar, pois meu trem sai às cinco.”

E olhou até onde estava o despertador, que tiquetaqueava sobre o armário. “Pai do céu!”, pensou. Eram seis e meia e os ponteiros seguiam adiante, tranqüilos; na verdade o maior até já passara da meia hora e se aproximava dos três quartos. Será que o despertador não havia tocado?⁷ Podia-se ver da cama que ele havia sido programado direitinho

⁶ Kafka usa de fato o termo “corte” como se só uma secção ativa (semelhante a do cordão umbilical) pudesse afastar Gregor do emprego que ele tanto odiava, mas ao qual se sentia tão preso. (N. do T.)

⁷ Indício – agora claro – de que o narrador conta a história do ponto de vista de Gregor. (N. do T.)

para as quatro horas; e com certeza havia tocado. Sim, mas terá sido possível prosseguir no sono com seu clangor, que chegava a fazer os móveis tremem?⁸ Bem, tranqüilo com certeza não se pode dizer que ele dormira, mas é provável que o sono tenha sido tanto mais pesado por causa disso. Mas o que deveria fazer agora? O próximo trem saía às sete horas; para conseguir pegá-lo teria de se apressar como louco, e o mostruário ainda não havia sido empacotado; ele mesmo não se sentia nem um pouco disposto e ágil. E ainda que conseguisse pegar o trem, uma trovoada do chefe já não poderia mais ser evitada, pois o contínuo da firma havia esperado por ele no trem das cinco e o anúncio de sua falta já devia ter sido relatado há tempo. O contínuo era uma criatura do chefe, sem espinha dorsal nem juízo. E que tal se ele dissesse que estava doente? Mas isso seria constrangedor ao extremo e pareceria suspeito, pois Gregor não ficara doente sequer uma única vez durante seus cinco anos de serviço. Com certeza o chefe iria chegar com o médico do convênio de saúde, haveria de fazer acusações aos pais por causa de seu filho preguiçoso e cortar todas as objeções apoiado no parecer do médico, para o qual, além de tudo, pareciam existir apenas pessoas completamente saudáveis no mundo, que às vezes mostravam não gostar de trabalhar. E, aliás, estaria o médico de todo errado nesse caso? Gregor sentiu-se de fato – não contada uma

⁸ O exagero é próprio do estilo – impessoal – de Kafka e se adapta às sensações de Gregor. O mesmo acontece com a trovoada do chefe, a seguir. (N. do T.)

sonolência supérflua, advinda do excesso de sono – bastante bem e estava, inclusive, com uma fome bastante grande.

Depois de ter refletido acerca de tudo isso às pressas, sem conseguir se decidir a deixar sua cama – o despertador acabara de anunciar quinze para as sete –, bateram com cautela à porta, na cabeceira de sua cama.

– Gregor – alguém chamou; era sua mãe –, já são quinze para as sete. Não querias ter partido a essa hora? – A voz suave! Gregor assustou-se quando ouviu sua voz respondendo; e era inconfundivelmente a mesma voz de antes, mas a ela misturava-se, como se vindo de baixo, um ciciar doloroso, impossível de evitar, que só no primeiro momento mantinha a clareza anterior das palavras, para destruir seu som de tal forma quando acabavam por sair, a ponto de fazer com que não se soubesse ao certo se havia ouvido direito. Gregor quis responder em detalhes e esclarecer tudo, mas limitou-se, dadas as condições, a dizer:

– Sim, sim, obrigado mãe, já vou me levantar.

Por causa da porta de madeira, a mudança na voz de Gregor por certo não foi percebida lá fora, pois sua mãe tranquilizou-se com a explicação e se afastou, arrastando as chinelas. Devido à troca de palavras, contudo, os outros membros da família ficaram cientes de que Gregor, ao contrário do que esperavam, estava em casa, e o pai já batia numa das portas laterais, fraco, mas com o punho:⁹

⁹ Gregor opõe, desde logo, a suavidade da mãe à brutalidade do pai. (N. do T.)